

A ÉTICA ORIGINAL: A VIDA FENOMENOLÓGICA COMO FUNDAMENTO DA AÇÃO HUMANA

João Elton de Jesus¹

RESUMO: Este trabalho apresenta a chamada ética original propugnada pelo filósofo Michel Henry. Nessa abordagem, o fundamento da ética é a vida imanente e transcendental que se manifesta num corpo subjetivo como sabedoria e poder de movimento. A vida é condição de possibilidade para toda ação humana e única capaz de determinar qualquer valoração, norma ou lei no que tange à práxis do homem. Desta maneira, para melhor apresentar o objeto desse estudo, inicialmente abordaremos a crítica de Michel Henry ao saber científico, em seguida apresentaremos a fenomenologia da vida e do corpo e finalmente elucidaremos a ética original fundamentada na vida fenomenológica.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Fenomenologia. Vida. Ciências. Barbárie.

Abstract: This paper presents the original ethics proposed by the philosopher Michel Henry. In this approach, the foundation of ethics is the immanent and transcendent life that manifest itself in a subjective body as wisdom and power of movement. Henry says that life is the only possibility condition for all human action. Life is capable of determining any valuation, rule or law regarding man's praxis. To better present the object of this study, initially discuss the criticism of Michel Henry to scientific knowledge, then we will present the phenomenology of life and body, and finally elucidate the original ethics based on the phenomenological life.

Keywords: Ethics. Phenomenology. Life. Sciences. Barbarism.

Introdução

Nascido no Vietnã, Michel Henry (1922-202) cresceu na Indochina e se formou na França. A filosofia desse pensador busca a factibilidade do homem. Por meio daquilo que ele chama de fenomenologia radical, esse autor apresenta um novo olhar para as ciências, para a arte, para a política e portanto para o agir humano.

Em sua análise filosófica-fenomenológica, Michel Henry denuncia que o mundo contemporâneo vive em estado de barbárie. Para ele, o saber científico passou a ser a única verdade, de modo que sua forma mais expressiva, a técnica, fez com que a vida fosse obscurecida, escondida, ocultada. Nesse contexto, Henry (2015, p.382) afirma que os homens são “substituídos por abstrações, por entidades econômicas, por lucros e dinheiro. Homens tratados matematicamente, informaticamente, estatisticamente, contados como animais e valendo muito menos que eles”.

Para aquele que é conhecido como o filósofo da vida, a origem da ideologia objetiva do mundo moderno se remete à Galileu Galilei que em sua obra *Il Saggiatore* (1623) afirma

¹ Bacharel em Administração com ênfase em Marketing pelas Faculdades Anhanguera. Graduando em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Teologia – FAJE e Pós-graduando em Juventude no Mundo Contemporâneo pela FAJE. Participa de Iniciação à Pesquisa Científica promovida pela FAJE / Fapemig e do Grupo de Pesquisa Filosofia do corpo a partir da Fenomenologia e do pensamento analítico arqueogenalógico da FAJE/CNPQ. E-mail: joao.elt@gmail.com

que o universo “está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto” (GALILEU GALILEI, 1983, p.130)

Segundo o proto-fundador da ciência moderna, os sentidos e a sensibilidade não são suficientes para explicar o mundo e a existência humana, pois, conforme o próprio Galileu aponta: os sentidos “não nos proporcionam a ordem racional que é a única capaz de nos fornecer a explicação desejada. Tal ordem é sempre matemática e só pode ser alcançada através dos métodos aceitos da demonstração matemática” (BURTT, 1983, p. 64)

Com base no pensamento galileano, nos séculos posteriores a matemática e com ela o positivismo e o objetivismo mudariam o paradigma humano de ler, ser e estar no mundo. O saber científico passa a ser considerado verdadeiro e absoluto, a salvação da humanidade. No mundo contemporâneo, qualquer informação ou objeto só tem validade se for “cientificamente comprovado”.

Michel Henry chama de “redução galileana” a esse processo de objetivação do mundo, “constituído por corpos materiais extensos, situados uns ao lado dos outros, com formas e figuras determinadas” (Henry, 2010, p.3). O filósofo da vida afirma que (2010, p. 13) com Galileu, o mundo moderno é “no fundo, reducionista, materialista, que crê que o único saber válido é a física e as ciências que lhe estão ligadas. É um mundo que obedece a essa ideologia que identifica saber com ciência, que nega a existência de outro tipo de conhecimento”.

Dessa maneira, a crise do mundo moderno acontece quando a redução galileana alcança o seu ápice de objetivação e imprime um caráter ontológico na existência humana. Nesse contexto há a ruína do homem, pois o saber científico, multiplicado em diversos saberes (química, física, biologia, etc.), fragmenta o ser humano em várias especialidades que não fornecem “qualquer visão de conjunto sobre a existência humana e sua destinação, visão sem a qual é impossível decidir o que é preciso fazer em cada caso, desde que este concirna justamente à nossa existência, e não a uma coisa”. (HENRY, 2012, p.23)

1. Fenomenologia da Vida

Michel Henry busca na filosofia algum caminho que recupere a originalidade do ser humano vítima da fragmentação causada pela redução galileana. Em sua busca pela verdade, esse pensador depara-se com a fenomenologia como uma alternativa filosófica que avance horizontes para além das tradicionais abordagens antropológicas metafísicas e clássicas. Contudo, ao aprofundar no pensamento fundado por Edmund Husserl, o Filósofo da Vida

verifica que a fenomenologia histórica permanecia indeterminada pois não chegara às coisas mesmas, tal como fora sua presunção.

Buscando chegar “às coisas mesmas”, Michel Henry, inspirado em Maine de Birran, se debruça sobre a fenomenalidade do fenômeno. Para ele, conhecer é diferente de ver. Em sua concepção “existe outro modo de revelação (...) cuja fenomenalidade já não seria a do “lado de fora” desse pré-plano de luz que é o mundo” (HENRY, 2014, p.58). Trata-se de uma realidade escondida ao ver, invisível à toda representação no mundo visível.

Tendo o pensamento de Descartes como fundamento, Michel Henry afirma que “o conteúdo real do mundo sensível decorre de uma impressão exclusiva, ou seja, o conteúdo real do mundo, é uma revelação original, primitiva, impressional, sensual. (HENRY, 2014, p.72). Há no fenômeno um autoaparecer, pois aparecemos a nós mesmos antes de aparecermos no mundo.

Para Henry o “por-de-fora” não se dá nos objetos, é algo mais originário. Ele atribui esse “mais originário” à própria vida que aparece antes de todo aparecer no mundo pois ela “não é somente e apenas um sentir, o sentir de tudo o que sentimos, mas antes um “sentir-se a si mesma”, nessa imediação absoluta e patética” (HENRY, 2010, P.6). Para ele, a vida é uma sensibilidade, uma afectividade imanente transcendental, onde repousa um experimentar a si mesmo sem nenhuma influência exterior, sem nenhum ex-tase.

A principal característica da vida, desse algo mais original do homem, é o páthos. Para ele a vida se dá em “seu autossentir e em seu autossufrer. O sofrimento da subjetividade é identificamente seu gozo, o mergulho em seu próprio ser, sua união e comunhão com ele na transparência da sua afetividade”. (HENRY, 2012, p.69).

Para Henry, a vida originária de toda existência humana traz consigo uma passividade e um sofrimento, pois na medida em que sofre e se suporta ela vai experimentando a si mesma, alcançando a si mesma, apoderando-se de si mesma. Há um crescimento de si e um usufruir-se de si de modo que desse sofrimento, surge a alegria.

Eis por que Sofrimento e Alegria não se separam jamais, uma é condição da outra, o sofrer fornecendo sua matéria fenomenológica ao usufruir de si, produzindo-se como a carne da qual é feita a Alegria, a qual, por seu lado, não passa da efetivação fenomenológica desse sofrer e cujo sofrimento se transforma em Alegria, de tal modo que, em semelhante transformação, cada termo subsiste como a condição fenomenológica do outro, e como sua própria substância (HENRY, 2012,p.69)

Como uma autofruição patética transcendental, a vida “é literalmente invisível ainda que seja o que há de mais certo” (Henry, 2010, p.7). Aquém do espetáculo cujo palco é a luz do mundo e do saber científico, a vida é por “essência individual, pois a autoafecção constitui, como tal, a essência de toda ipseidade possível. O Indivíduo é assim o Todo do ser, aquilo em

que e pelo que o que é é sempre tomado em um Todo e se propõe como tal”. (HENRY, 2012, p.56)

A vida é um saber originário onde não há intervenção do saber da consciência ou do saber da ciência. Todos os saberes são manifestações da própria vida, tem origem somente nesta. “É o saber da vida que torna possível o movimento das mãos e dos olhos, o ato de se erguer, de subir as escadas, de beber e comer, o próprio repouso” (HENRY, 2014, p.34)

Portanto, para Michel Henry, a vida é uma afetividade originária e pura, imanente e transcendental. É da ordem da subjetividade e da sensibilidade. “Vida é affectus, é um Si dado a si mesmo na vida, e apenas provado nesta. A partir deste sentir primitivo se desenvolvem a consciência, o pensamento, a linguagem, a memória e as demais características e ações humanas. (PRAZERES, 2014, p.246)

2. Fenomenologia do corpo

Em sua busca pela factibilidade do homem, Henry não quer ficar num conceito de vida etéreo ou não inerente à realidade. Dessa forma, ele observa como o fenômeno humano se apresenta e percebe que o homem, constituído de um corpo, é um fenômeno que se apresenta interna e exteriormente. Para ele, “existem dois modos fundamentais e irreduzíveis de aparecer: o do mundo e o da vida” (HENRY, 2014, p.140). Em sua obra *Ver o invisível* ele afirma:

Pois, de um lado, vivo interiormente esse corpo, coincidindo com ele e com o exercício de cada um de seus poderes: eu vejo, ouço, cheiro, movo mãos e olhos, tenho fome, frio, de tal modo que eu sou esse ver, esse ouvir, esse cheirar, esse movimento, essa fome, que eu me precipito inteiro em sua pura subjetividade, a ponto de não poder me diferenciar deles - fome, sofrimento, etc. – em nada. De outro lado, e ao mesmo tempo, eu vivo exteriormente esse mesmo corpo por ser capaz de vê-lo, tocá-lo, representá-lo a mim mesmo como objeto, realidade exterior próxima aos outros objetos. (Henry, 2012c, p. 14)

Dessa maneira, Henry percebe que a vida se manifesta numa corporeidade, naquilo que ele chama de corpo subjetivo, que é um corpo originário, uma carne. Para ele, “não há vida sem uma carne, mas não há carne sem vida” (HENRY, 2014, p.178). Assim, quando falamos de corpo subjetivo em Michel Henry, conceituamos uma corporeidade humana muito mais originária, não é intencional, não é sensível, sua essência é a vida, conforme as características acima apresentadas. (HENRY, 2014, p.173).

O corpo subjetivo para Henry, manifestação dessa vida, é aquele que se apresenta como condição de possibilidade para o corpo objetivo, aquele que é visto à luz do mundo. Não se trata de um dualismo, como aqueles apresentados na história da filosofia como em

Platão ou Descartes. Trata-se de um dualismo ontológico, onde o homem traz consigo o seu corpo objetivo que, por sua vez, traz a sua originalidade no corpo subjetivo.

Para melhor esclarecer a originalidade do corpo subjetivo, Henry (2014, p. 207) diz que “considerada como órgão objetivo, partindo do corpo mundano, a mão é incapaz de tocar e de sentir o que quer que seja, nem “outra mão” nem outra parte do corpo ou um corpo qualquer. Tocar e sentir, só o pode fazer o poder subjetivo de tocar”. Assim, qualquer movimento feito pelo corpo objetivo à luz do mundo, tem a sua origem e possibilidade no corpo subjetivo, que é invisível, pois é manifestação da vida imanente e transcendental.

Desta maneira, o corpo subjetivo é um “eu posso”. Manifestação da vida, ele tem poderes de pegar, andar, agir é também movimento que permanece em posse de si na imanência de nossa corporeidade originária – automovimento da Vida em sua autorrevelação carnal. (HENRY, 2014, p. 210)

Para Henry, o corpo subjetivo é lugar de uma memória original. Ele afirma (2014, p. 211) que esse corpo “é mais profunda que a capacidade da consciência ou de um órgão objetivo, pois é “a memória de um corpo que se lembra (...) é o automovimento de um poder que lhe é revelado na autodoação patética de minha corporeidade originária”

Portanto, podemos afirmar com Henry que essa corporeidade original se revela como uma sabedoria original, um saber absoluto, um conhecimento absoluto “onde tudo é dado de uma só vez, fora do tempo” (Henry, 2010, p. 7). Trata-se de um saber imanente e transcendental, que existe independentemente de algo de fora. Não há nele nenhuma exterioridade, não há relação com objeto nenhum, é uma subjetividade radical pois só existe pela experiência constante de si. Michel Henry aponta o saber da vida como uma auto-inteligibilidade, um saber infalível, imediato, absoluto.

3. Ética original

Compreendida a concepção do homem ao qual a vida se manifesta numa corporeidade original que, ao ser sabedoria original, é condição de possibilidade para toda ação, podemos avançar o nosso pensamento para a área da ética, pois se a vida é ação, está ligada, portanto diretamente à práxis. Assim podemos dizer com Henry (2012, p.44) “ao saber da vida como saber em que a vida constitui tanto o poder que conhece quanto o que é conhecido por ele, proporcionando-lhe, de maneira exclusiva, seu “conteúdo”, chamo de saber de práxis”.

A vida é ação pois ela determina “o que somos, já que esse movimento constitui, nossa ipseidade. O que fazemos, porque, carregados por ele e advindo a nós mesmos, na medida em que ele advém a si, nosso ser, nele, é assim nosso fazer com ele” (HENRY, 2012, p.156). Para

Rosa (2006, p.10) “falar de Vida ética é, assim, uma redundância, porque a Vida é ética e o ethos é a Vida, num enlace patético primordial”

O homem começa onde começa esse viver definido como sentir-se a si mesmo, como provar-se, e acaba onde ele termina. Ora esse domínio da fenomenalidade é também o da ética. A ética responde à questão: “Que devemos fazer?” Mas esta questão, por mais vasta que seja, requer uma condição e que é, justamente, que possamos fazer alguma coisa. Ela dirige-se por conseguinte apenas aos vivos no sentido em que defini a vida. Porque a acção pertence ao domínio do viver, apenas é possível pelo meu corpo que não é um objecto do mundo mas um corpo vivo, subjectivo, um “eu posso”. (Henry, 2010, p. 10-11)

Desta maneira somente na vida podemos falar de uma práxis verdadeiramente humana e portanto originariamente ética, pois “conceber, idealizar, abstrair, contemplar, analisar, transformar em tema etc., isso [somente] a vida pode fazer”. (HENRY, 2012, p.101). Trata-se de uma ética original como “co-naissance (co-nascença), um saber imediato e vivido, advindo na subjectividade arqui-transcendental e patética da Vida. O ethos da ética é a morada da Vida, não o conhecimento dos nossos deveres (ROSA, 2006, p.15)

A ética proposta por Henry se contrapõe ao positivismo, às filosofias clássicas e ao vitalismo. Em seu brilhante artigo “O ethos da ética”, Rosa afirma que a ética original proposta por Henry abandona radicalmente uma visão naturalista cujo ser humano tem o dever de perseguir fins para se realizar. Nesse sentido, também afirma o próprio Henry (2015, p. 248)

A ação, o fazer, a prática, o corpo são arrancados ao absurdo do positivismo que crê reduzi-los a um fenômeno objetivo análogo a todos os fenômenos do universo. São arrancados também ao absurdo das filosofias clássicas que veem neles uma passagem, ou melhor, um salto ininteligível entre duas ordens irreduzíveis. São arrancados, enfim, à confusão do vitalismo, que, colocando a ação no princípio das determinações da existência humana, se mostra, todavia, incapaz de lhe designar um estatuto fenomenológico qualquer, fazendo dela uma expressão desprovida de sentido de uma força cega e anônima.

Uma ética definida como relação entre ações e fins, normas ou valores, está vinculada a um ex-tase, a uma objetivação e assim se desliga daquilo ao qual é mais original e na qual toda ação se mantém: a própria vida. Para Henry (2012, p.149), uma ética como disciplina normativa, que queira ditar as leis da ação “sempre deparará com a ironia de Schopenhauer ‘Uma ética que queira modelar e corrigir a vontade a vida é impossível. As doutrinas só agem com base no conhecimento, mas este jamais determina a vontade’”.

Se a vida é práxis e origem de tudo, só ela possibilita o fundamento e a origem de qualquer valor. Henry afirma que não é uma ética reflexiva que de forma a posteriori impõe seus valores, mas conforme aponta Rosa (2006, p.13) “a vida é para si mesma, imediatamente,

o seu próprio mandamento e não precisa de injunções e de preceitos éticos exteriores e separados de si” (ROSA, 2006, p.13)

Esse poder de valoração de toda ação dado pela vida só é positivo e válido porque a vida no experienciar-se e no provar-se continuamente “não é apenas um conatus para perseverar no seu ser, mas um esforço constante de intensificação” (Henry, 2010, p.12). Toda a valorização da vida é positiva pois ela busca, em sua auto-fruição, a plenitude de si mesma.

Assim, constitui-se a teleologia imanente da vida ao qual enraíza uma ética diferente da “ética teórica ou normativa, que representa para si fins e valores, mas a ética original ou, antes, o próprio ethos, ou seja, o conjunto de processos indefinidamente recomeçados nos quais a vida realiza sua essência. (HENRY, 2012, p.150)

Ainda assim, Henry coloca a possibilidade de uma contra-avaliação dada pela vida, ou seja, uma valoração equivocada da ação do homem. Para ele a vida pode ficar doente, e isso ocorre quando num processo de objetivação produzida pela redução galileana e pela técnica os homens são impossibilitados de sua ação, eles são “excluídos dos processos de ação, reduzidos à apatia da condição de desempregados” (HENRY, 2010, p. 15).

Tirar o poder de ação da vida é impossibilitar o homem de buscar a sua plenitude, o seu “bem” no próprio agir da vida, em sua autofruição e poder de movimento. Para Henry, a vida fica doente quando o saber científico e a técnica obscurecem o poder da vida de exercer seu poder de valoração, tornando o homem destituído daquilo que é mais original, tornando o homem inumano.

“Inumano” designa a reviravolta ontológica por efeito da qual o princípio diretivo e organizador de uma sociedade, encontrando sua substância na vida, não é mais esta, mas uma soma de conhecimentos, de processos e de procedimentos para cujo estabelecimento e disposição a vida foi, na medida do possível, posta de lado. (Henry, 2012, p.183)

Dizer que a vida é o único mandamento para toda práxis e assim para toda ação humana não é colocar a ética âmbito da contingência e do relativismo, pois Henry não coloca em cheque a lei ou as normas, Rosa (2006, p.14) aponta que “o que está em causa não é a lei, mas a representação dela, aquilo a partir de onde se faz o que se faz.”

Henry crítica as representações da lei que visam somente a ótica do aparecer no mundo e não no aparecer da vida. Para ele, no aparecer do mundo, dentro do espaço e do tempo, no “lá fora” existem somente leis das coisas (leis físicas, sociais, culturais, morais e comportamentais) que, por sua vez, concebem o homem somente como indivíduos empíricos presos na verdade de uma exterioridade onde a lei objetiva se manifesta.

Para Henry, essas leis exteriores e objetivas são impotentes porque são estranhas à vida, elas não têm seu lugar na vida onde se encontra o todo agir concebível e a possibilidade de toda ação. Desta maneira, uma representação objetiva da lei é incapaz de colocar o homem em ação.

Ver o que é preciso fazer sem dispor do poder para fazê-lo, ver o que é preciso fazer encontrando-se destituído, nesse ver e por ele, no mandamento e por ele, da capacidade de executá-lo, tal é a situação dramática e desesperada em que a Lei colocou o homem, e isso na medida em que ela lhe é dirigida do exterior enquanto Lei transcendente. Tal Lei que define a infração e o crime, que abre escancaradamente diante do homem a possibilidade deles, sem lhe dar o poder de evitar um e outro, é uma Lei de maldição. (HENRY, 2015, p.253)

Michel Henry inverte a relação entre lei e vida, traz uma ética original. Para ele uma lei efetiva está vinculada a uma ética original que é da ordem do agir e portanto da vida. Para Henry (2012, p.258) “porque o agir tem seu lugar na Vida, nenhum contato com ele é possível, nem nenhum modo de agir sobre ele para pô-lo em ação ou para modificá-lo é concebível senão na Vida e graças a ela”. Assim a lei e portanto a ética só podem existir efetivamente no interior da vida, constituir algo uno com ela.

Considerações finais

A filosofia propugnada por Michel Henry busca oferecer uma resposta e uma alternativa ao mundo moderno, que herdeiro do pensamento de Galileu Galilei, reduziu a existência humana em dados objetivos, de modo que o homem passou a ser fragmentado e objetivizado pelo saber científico e pela técnica.

Para Michel Henry a vida que dá poder a toda ação do ser humano deve deixar de ser obnubilada pelo saber científico de modo a voltar a tomar o seu posto de originalidade do ser e estar do homem no mundo. Para o filósofo de família francesa, a vida é práxis e portanto está diretamente ligada com a ação dos homens e conseqüentemente com a ética.

Uma ética que seja verdadeira e eficaz deve ser fundamentada na vida. As leis, por sua vez, não podem ser uma forma exterior que determina a ação humana, pelo contrário, Henry afirma que é a vida, que é ação, que deve determinar a lei, pois a vida não erra em seu conatus, em sua busca de se auto-realizar-se e auto-efetivar-se.

Para Henry a barbárie do mundo contemporâneo ocorre porque esqueceu-se da sensibilidade e da subjetividade que se dão somente a partir da vida. A vida é uma energia que se manifesta num corpo subjetivo que é condição de possibilidade para o corpo objetivo. Assim, Henry busca resgatar a ética original, pautada na vida, pois somente a vida pode ser a norma para a existência humana, e nada mais.

BIBLIOGRAFIA

BURTT, Edwin A. *As Bases Metafísicas da Ciência Moderna*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

GALILEI, Galileu. *O Ensaíador*. Coleção Pensadores. Sobre o infinito, o universo e os mundos / Giordano Bruno. O ensaiador / Galileu Galilei. A cidade do sol / Tommaso Campanella. Traduções de Helda Barraco, Nestor Deola e Aristides Lôbo. — 3. ed. — São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HENRY, Michel. *A barbárie*. São Paulo: É Realizações, 2012.

_____. *As ciências e a ética*. Covilha: Universidade da Beira Interiori, 2010.
Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/20111006-henry_michel_as_ciencias_e_a_etica.pdf>. Acesso em: 20.jul.2015

_____. *Encarnação: uma filosofia da Carne*. São Paulo: É realizações, 2014

_____. *Eu sou a verdade*. São Paulo: É Realizações, 2015.

PRESERES, Janilce. A fenomenologia da vida: apontamentos sobre afetividade e não-intencionalidade para a fundamentação de uma ética no pensamento de Michel Henry. *Griot – Revista de Filosofia* v.10, n.2, dezembro,2014 – Disponível em <<http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol10-n2/16.pdf>>. Acesso em: 20.jul.2015

ROSA, José Maria. O Ethos da ética. *Revista Phainomenon*. Estudos de Fenomenologia, Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006, pp. 279-290 Disponível em <http://www.lusosofia.net/textos/jose_rosa_o_ethos_da_etica_fenomenologia_michel_henry.pdf>. Acesso em: 24.jun.2015